

GIORDANO BRUNO DIANTE DO ESPELHO – A CEIA DE CINZAS
[GIORDANO BRUNO FACING THE MIRRORS – THE ASH WEDNESDAY
SUPPER]

Ideusa Celestino LOPES

Professora da Universidade Estadual Vale
do Acaraú (2002). Doutora pelo Programa
Integrado de Filosofia (UFPB- UFPE-
UFRN)

E-mail: ideusalopes@gmail.com

Resumo

Giordano Bruno (1548 – 1600) é um pensador que usa o recurso autobiográfico em várias obras, especialmente nos textos publicados em italiano entre os anos de 1584 a 1586. O recurso ao gênero autobiográfico ou do autorretrato está presente na obra de vários intelectuais entre o período Renascentista e a Modernidade. Neste artigo investigamos o uso dessa técnica na obra A ceia de Cinzas publicada em 1584. Neste texto Bruno é o personagem principal, mas ele participa da trama de modo indireto, ou seja, as ações e acontecimentos nos quais está envolvido são narrados por um dos personagens, Teófilo, o seu porta-voz. No início dos diálogos, Teófilo ao ser indagado sobre quem é Bruno, responde que é alguém “tão próximo de mim quanto eu mesmo” (BRUNO, 2012, p. 27). Ao longo do texto apresenta várias imagens de si mesmo: escolhido pelos deuses, destemido, humilde. Nossa investigação teve como ponto de partida indagar sobre quanto de verdade essas autodescrições continham, se correspondiam à verdade ou se eram apenas um recurso literário em Bruno. Identificamos que apesar de vários fatos relatados apresentados sobre a sua trajetória pessoal serem verdadeiros, Bruno não utiliza a autobiografia para expor a sua história de vida num primeiro plano, mas para apresentar a sua filosofia, num debate constante com a tradição filosófica em particular a aristotélica. A auto representação não é uma construção uniforme, que ao longo dos textos, Bruno se apresenta e se deixa conhecer, mas é possível identificar uma pluralidade de representações, talvez porque a intenção de Bruno não seja apresentar-se como indivíduo, mas como filósofo que tem uma missão a ser realizada, que não passa necessariamente pela relação entre existência, obra e escrita.

Palavras-chave

Autorretrato. Imagem. Memória.

Abstract

Abstract: Giordano Bruno (1548 - 1600) is a philosopher who uses the autobiographical technique in several works, especially in Italian texts published between the years 1584 and 1586. The use of the autobiographical genre or self-portrait is present in the work of numerous intellectuals of the Renaissance period to Modern age. This paper investigates the use of this technique in The Ash Wednesday Supper published in 1584. In this text, Bruno is the main character, but he participates in the plot indirectly, that is, the actions and events in which he is involved are narrated by another character, Teófilo, his spokesperson. At the beginning of the dialogues, Teófilo when asked about who Bruno is, replies that he is someone “as close to me as I am” (Bruno, 2012, p. 27). Throughout the text he presents several images of himself: chosen by the gods, fearless, humble. Our investigation inquires how much truth these self-descriptions contain, whether they actually corresponded to the



facts or whether they were used as merely a literary resource in Bruno. We found that although several facts reported about his personal trajectory are true, Bruno does not use his autobiography to expose his life story in the foreground, but to present his philosophy, in a constant debate with the philosophical tradition, in particular the Aristotelian one. Self-representation is not a uniform construction, Bruno presents and lets himself be known throughout the texts, but it is possible to identify a plurality of representations, perhaps because Bruno's intention is not to present himself as an individual, but as a philosopher who has a mission to be accomplished, which does not necessarily involve the relationship between his existence, work and writing.

Keywords

Self-portrait. Representation. Memory

Introdução

Giordano Bruno (1548 – 1600) se sente especial, ou seja, como sido escolhido pelos deuses. A partir dessa ideia, considera que a sua vida teria um propósito grandioso. Apesar das críticas recebidas e dos percalços sofridos, Bruno se apresenta como um abençoado diante da tarefa de debater com uma maioria discordante: “isso é um dom dos deuses, se te guiam e te concedem a sorte de te fazer encontrar um homem que não se considere ser o verdadeiro guia, mas que realmente o seja, e se, além disso, iluminam o interior do teu espírito para que escolhas o melhor” (BRUNO, 2012, p. 41). Acrescenta que os homens sábios e divinos são poucos e se sente feliz por fazer parte desse seleto grupo.

A consciência de sentir-se especial, escolhido, é um traço comum que se repete entre alguns intelectuais no Renascimento. Segundo Ciliberto, 2007, não é um traço específico da personalidade de Bruno, mas é uma marca que se encontra em outros autores desse período que estabelecem uma relação entre obra e indivíduo. Essa relação pode abranger tanto uma imagem refletida diretamente como uma interpretação unilateral dos fatos ocorridos, ou seja, como um personagem, que apesar da referência ao narrador, não é necessariamente uma escrita autêntica, pois se torna ele também, o narrador, um personagem. Neste sentido talvez caiba a pergunta, o autor se apresenta como inteiro ou a escrita é perpassada por dissimulações?

A apresentação de uma imagem positiva de si mesmo, no Renascimento, é exposta tanto através do recurso ao gênero autobiográfico como do autorretrato. Essa autorrepresentação está presente na obra de vários intelectuais entre o período Renascentista e a Modernidade. Podemos citar entre outros: Benvenuto Cellin (1500 -



1571), Girolamo Cardano (1501 - 1576) Michel de Montaigne (1533 - 1592), Tommaso Campanella (1568 - 1639), René Descartes (1596 - 1650), Rembrandt (1606 - 1669).

Giordano Bruno usa esse recurso, especialmente nos textos publicados em italiano entre os anos de 1584 a 1586. Essas obras têm um traço em comum: em diversos momentos, Bruno fala de si mesmo, através de um personagem normalmente definido como o ego de Bruno ou porta-voz.

Nessa pesquisa iremos abordar como Bruno faz uso da autobiografia na obra *A ceia de cinzas*, publicada em Londres em 1584. Está dividida em cinco diálogos, que segundo Aquilecchia (1993) tinha como objetivo divulgar as teorias astronômicas copernicanas a partir da interpretação e amplificação nolana. Nossa investigação tem como ponto de partida indagar quanto de verdade essas autodescrições contém, se correspondem à verdade ou se são apenas um recurso literário em Bruno. Ou seja, é possível conhecer Bruno através dessas autodescrições ou não?

Giordano Bruno e *A ceia de Cinzas* como reflexo de si mesmo

Bruno, na obra *A ceia*¹, é o personagem principal, mas ele participa da trama de modo indireto, ou seja, as ações e acontecimentos nos quais está envolvido são narrados por um dos personagens, Teófilo, o porta-voz de Bruno. A narrativa é apresentada em dois momentos: uma atual, no presente, em que Teófilo é o personagem atuante que relata para um grupo pequeno, composto por três ouvintes: Prudêncio, Smith e Frulla, os fatos ocorridos após o convite que Bruno recebeu para se fazer presente em um jantar, na casa de um nobre inglês.

No segundo momento, no jantar propriamente dito, Bruno é o ator principal em atuação. E deverá apresentar, para alguns convidados, as ideias do astrônomo Nicolau Copérnico (1473 - 1543), em particular o movimento da Terra em torno do Sol. O texto é dividido, portanto, em dois momentos que se alternam: entre o momento presente e um fato já ocorrido. No jantar, Teófilo é um observador, que acompanha Bruno. Ao fazer o relato é o narrador ocular que atualiza os acontecimentos já ocorrido.

¹ A partir desse momento irei utilizar de modo abreviado o título da obra *A ceia de cinzas*.



Bruno se apresenta, portanto, através da narrativa de Teófilo, e ao ser indagado sobre quem é Bruno, responde que é alguém “tão próximo de mim quanto eu mesmo” (BRUNO, 2012, p. 27), ou seja, é o próprio Bruno, falando de si mesmo. Mas Teófilo não emitiria juízo de valor sobre Bruno. Fala através do mestre, é um porta-voz. O descreve como sendo uma pessoa muito severa consigo mesma, que não é capaz de se fazer um autoelogio. É uma pessoa única, que diante de todo o obscurantismo da sua época, da presença predominante dos aristotélicos em todos os recantos sociais, “encontrou uma maneira de subir ao céu, percorrer a circunferência das estrelas, deixar para trás a superfície convexa do firmamento” (BRUNO, 2012, p. 28). Essa descrição carrega consigo a imagem de alguém muito especial, capaz de compreender o universo a partir de uma outra perspectiva.

Nesta passagem do texto Bruno, está criticando o modelo cosmológico aristotélico-ptolomaico, que ainda estava em vigor na segunda metade do século XVI. E apesar de Copérnico ter publicado o seu texto *Revolução das órbitas celeste*, em 1543, ainda era um texto desconhecido ou ignorado pelos intelectuais da época.

Uma imagem que Bruno procura enfatizar em *A ceia*, mas também em outros momentos, é que a sua missão não é produzir o caos, destruir o mundo, subjugar os povos com as suas ideias, mas tem como objetivo:

Libertar o espírito humano e o conhecimento que estavam enclausurados no estreitíssimo cárcere do ar turbulento, de onde somente podia observar, como que por certos orifícios, as estrelas longínquas e onde lhe haviam sido cortadas as asas, a fim de que não voasse para descerrar o véu dessas nuvens e ver o que verdadeiramente se encontrava lá em cima (BRUNO, 2012, p. 29-30).

Neste sentido, o debate que estabelece com os aristotélicos, é considerado por Bruno como a descrição de uma ação necessária diante do atraso no qual aquela sociedade se encontrava. Ao descrever as suas ações, não as considera um autoelogio, pois é justo descrever aquilo que foi feito, mesmo que pareça uma ação colossal.

O texto se equilibra entre a apresentação de um trabalho importante para a história, para o desenvolvimento da humanidade, mas ao mesmo tempo procura minimizar o alto valor dessa tarefa com um sentimento de humildade. Não obstante, tal artifício pode ser compreendido como um recurso literário para conquistar o leitor para a sua causa, pois



Bruno está inserido num ambiente intelectual extremamente hostil, dominado pelos aristotélicos.

No embate cosmológico com os aristotélicos e o próprio Aristóteles, Bruno descreve o seu inimigo nesses termos:

aqueles que tendo saído da lama e das cavernas da Terra, mas se apresentando como Mercúrios e Apolos descidos do céu, com mil artimanhas, encheram o mundo inteiro de infinitas loucuras, bestialidades e vícios como se fossem virtudes, divindades e disciplinas, apagando aquela luz que tornava divinos e heroicos os espíritos dos nossos antigos pais, aprovando e confirmando as trevas caliginosas dos sofistas e asnos (BRUNO, 2012, p. 30).

Essa descrição representa também, no pensamento bruniano, o cristianismo, como sendo um aliado da pseudofilosofia de Aristóteles. Compara a sua missão, de forma irônica, como próxima a Cristo, que:

Desnudou a encoberta e velada natureza; deu olhos as toupeiras; iluminou os cegos que não podiam fixar os olhos e olhar a sua imagem refletida em tantos espelhos; soltou a língua aos mudos que não sabiam e não ousavam explicar seus intrincados pensamento; restabeleceu os coxos, incapazes de percorrer com o espírito aquele caminho inacessível aos corpos ignóbeis e perecíveis (BRUNO, 2012, p. 31).

Ao criticar o modo como o universo é compreendido por Aristóteles e os aristotélicos, Bruno elabora uma descrição que os afronta diretamente, pois apresenta a tese do universo como sendo infinito e povoado de inumeráveis mundos. Considera que tal visão só foi possível porque

atravessou o ar, penetrou o céu, percorreu as estrelas, ultrapassou os limites do mundo, fez desaparecer as fantásticas muralhas das primeiras, oitavas, nonas, décimas e outras esferas que pudessem ter sido acrescentadas pelas descrições de vãos matemáticos e pelo olhar cego de filósofos vulgares (BRUNO, 2012, p. 30-31).

Nesse sentido se descreve como um libertário, que através das suas investigações foi possível elaborar uma descrição do universo capaz de libertar a humanidade da atuação de filósofos que repetiam uma descrição fantasiosa do mundo, ou seja, como sendo fechado, esférico, finito, hierarquizado, composto de esferas cristalinas homocêntricas girando eternamente ao redor da Terra imóvel. Com a sua filosofia, foi possível compreender o mundo a partir de outra perspectiva: sem esferas fixas, sem motor imóvel, sem centro, sem finitude e a existência de inumeráveis mundos iguais ao nosso.

Entretanto, os impactos da sua discussão cosmológica não se limitam apenas ao âmbito filosófico, mas também tem um véis religioso. Ou seja, ao propor outro modo de descrever o mundo e o universo, compromete diretamente a concepção religiosa do mundo.



Deste modo, ao discutir o tema da cosmologia, discute também a necessidade de outra dimensão do divino, que ao invés de estar fora do mundo, apartado dos homens, está intrinsicamente ligado aos homens e ao mundo. Bruno considera que aprendeu “a não procurar a divindade longe de nós, posto que a temos junto a nós, inclusive dentro de nós, mais do que nós estamos dentro de nós” (BRUNO, 2012, p. 32).

Diante desse desafio de criticar o velho para propor um novo olhar sobre o mundo, Bruno se define como um solitário, que encontrou uma joia, mas ao tentar compartilhá-la com os outros é desprezado, apesar de toda a verdade que anuncia. Essa sensação de solidão e de incompreensão se espelha muito no personagem do Livro VII, o mito da caverna, na *República* de Platão, que procura convencer os seus compatriotas presos na caverna, de que viviam uma ilusão, nas sombras de uma realidade que se desenvolve fora da caverna. Não obstante essa sensação de solidão cultiva a esperança de que não será uma guerra em vão, pois,

um só, mesmo que sozinho, pode e poderá vencer e, ao final, terá vencido e triunfará contra a ignorância geral, [...] pela força de um pensamento bem orientado que, por fim, acabará por se impor, pois, na realidade, todos os cegos não valem por um que vê, e todos os estúpidos não podem substituir um sábio (BRUNO, 2012, p. 33).

Bruno se considera também uma pessoa ousada, que não tem medo dos desafios. E nessa percepção se compara a Copérnico, pois ambos foram ousados e enfrentaram grandes dificuldades, sem se deixar paralisar pelo medo. Copérnico tinha muito a perder com a publicação das suas pesquisas, ou pensava que assim fosse. Tal hesitação está expressa no preâmbulo, na carta ao papa, que antecede a obra *Sobre as revoluções dos orbes celestes*. Mas esse texto, que descreve o mundo como sendo heliocêntrico, não surtiu os efeitos catastróficos que ele temia, de modo imediato. Além disso, o astrônomo não enfrentou publicamente as críticas dos geocentristas, como Bruno as está recebendo em 1584.

Giordano Bruno não é um astrônomo como Copérnico, não tem origem nobre, não descende de nenhuma família influente, além de não estar vinculado a nenhuma instituição, seja acadêmica ou religiosa². No Quarto diálogo de *A ceia* faz alusão a sua condição social

² Bruno foi ordenado padre pela Ordem Dominicana, mas abandona a vida eclesiástica, conferir essas informações sobre a vida de Bruno em LOPES, 2014.



ao descrever o modo de vestir-se dos professores de Oxford, que ostentavam joias e belas túnicas, e interpreta o olhar de um dos professores sobre si: “depois de ter olhado para o peito do Nolano, onde talvez, poderia estar faltando algum botão” (BRUNO, 2012, p. 110). Apesar dessas limitações sociais, conseguiu espaço nas cortes inglesas e francesas, mas sempre como um convidado que pode ser esquecido num canto da sala, apesar da sua personalidade forte. E nos parece que o seu principal objetivo era fazer parte do quadro de professores em uma instituição de ensino superior. Mas apesar das dificuldades e dos desafios reitera a esperança de que em algum momento o reconhecimento virá dos “engenhos nobilíssimo, capazes de ouvi-lo e com ele discutir” (BRUNO, 2012, p. 35).

Mas também aponta o dedo para si mesmo, ou relata críticas que supostamente eram elaboradas sobre ele. No Primeiro diálogo de *A ceia*, um dos personagens, o acusa de se considerar o maior dos filósofos, por fazer críticas a Ptolomeu e a outros eminentes filósofos. Diante desse comentário, que o expõe como sendo prepotente em relação à tradição filosófica, se defende argumentado que provoca entre as pessoas certos sentimentos contraditórios, ou seja, se coloca tanto como passível de ser compreendido como incompreendido, ou ainda, amado ou odiado. Diante da desconfiança e acusação de que se considera muito importante rebate: “E se eu fosse realmente o protótipo dos filósofos? Se não considerasse Aristóteles ou algum outro, mais do que esses não me considerassem? De modo que a Terra não fosse mais o centro imóvel do mundo?” (BRUNO, 2012, p. 110). Considera como eleitos os que avançam no conhecimento, que apresentam novas teorias. E ele está neste grupo seletivo:

aqueles felizardos e bem-dotados engenhos para os quais nenhum estudo honrado é perda de tempo, pois não julgam temerariamente, têm o intelecto livre, a visão clara, e o céu os faz, se não inventores, pelo menos dignos examinadores, investigadores, juizes e testemunhos da verdade (Bruno, 2012, p. 35).

Bruno se vê diante de uma grande missão, tendo como desafio expor sem constrangimento os erros que foram se consolidando por séculos invertendo a ordem do bom senso, pois, “aqueles que menos compreendem mais acreditam saber, e aqueles que são totalmente insensatos acreditam saber tudo” (BRUNO, 2012, p. 39). Diante desse quadro é preciso tirar a sociedade desse “suposto saber por meio de alguma forma de argumentação e, com uma arguta persuasão, despojá-los, o quanto se puder, daquela tola opinião, para que se tornem ouvintes” (BRUNO, 2012, p. 34).



E o Nolano se considera à altura dessa missão, por se reconhecer como um espírito capaz e hábil, um eleito. Descreve-se como sendo um bom investigador e juiz, pois se inteira sobre o que pretende criticar. Nesse caso, se considera um estudioso de Aristóteles. O conhece bem e por isso seria capaz de refutá-lo. Parece-nos que Bruno quer ser conhecido como crítico por excelência de Aristóteles, assim como Averróis era reconhecido como o Comentador de Aristóteles. Mas para essa tarefa não existia espaço no ambiente acadêmico, dominado pelos aristotélicos, que segundo Bruno eram mais aristotélicos que o próprio Aristóteles.

Apesar das barreiras encontradas se autodescreve como sendo um incansável, ao apresentar e defender as suas posições diante da maioria “cega”, é capaz de modo incomum desmontar “as falácias dos sofistas, bem como a cegueira do vulgo e da filosofia vulgar” (BRUNO, 2012, p. 42). Não obstante, considera que gostaria de debater com pessoas cultas e não com “pessoas ignóbeis, mal-educadas e pouco afeitas a especulações desse gênero” (BRUNO, 2012, p. 44). Nesta passagem está se referindo à corte inglesa de um modo geral e também ao ambiente acadêmico de Oxford, dominado pelos aristotélicos.

No Segundo diálogo de *A ceia*, descreve as dificuldades que teve que enfrentar para se deslocar entre o lugar que estava hospedado, a residência do embaixador francês Castelnau, e a casa na qual o jantar seria realizado. Esse percurso que deveria ter sido feito num curto espaço de tempo, levou várias horas, praticamente o impossibilitou de cumprir o horário previamente estabelecido. Os infortúnios desse percurso são apresentados como possíveis metáforas para se compreender como a vida do Nolano não era fácil e as dificuldades, ao invés de desestimular, eram aceitas como incentivos. Dentro desse contexto, Bruno se compreende como um homem raro, heroico e divino, que passa pelo caminho da dificuldade como uma provação para que a necessidade seja forçada a conceder a esses tipos de pessoas a palma da imortalidade. Considera ainda que “não somente é louvado quem vence, mas também quem não morre como covarde e preguiçoso” (BRUNO, 2012, p. 52).

Bruno elabora um autorretrato construído a partir de batalha ou batalhas que enfrentava constantemente. Mesmo que a guerra não seja ganha, as pequenas vitórias devem ser levadas em conta, pois numa competição “aquele que correu bem é considerado



digno e capaz de ter merecido ganhá-la, ainda que não a tenha ganhado” (BRUNO, 2012, p. 53). Os que desistem no meio do caminho, porque se desesperam com as dificuldades, deveriam ser considerados desprezíveis. Diante de um grande obstáculo, é preciso reunir forças para continuar lutando, pois, “todas as coisas preciosas são difíceis de obter” (BRUNO, 2012, p. 53).

Bruno no enfrentamento com os aristotélicos, no tocante ao debate sobre a mobilidade ou imobilidade da terra, se apresenta no plural:

mas *nós*, que observamos não as sombras fantásticas, mas as coisas mesmas; *nós* que vemos um corpo aéreo, etéreo, espiritual, líquido, lugar capaz de movimento e repouso, imenso e infinito, *sabemos*, com certeza, que, sendo efeito e consequência de uma causa infinita e de um princípio infinito, ele deve ser infinitamente infinito quanto a sua capacidade física e quanto ao seu modo de ser. (BRUNO, 2012, p. 87). Grifos nosso.

Esse *nós*, compreende-se uma referência à tradição filosófica que foi desprezada por Aristóteles, como os pré-socráticos, por exemplo. Mas também outras culturas podem ser elencadas: os caldeus, os egípcios, todas as vozes que foram silenciadas pelos aristotélicos.

Na discussão com o personagem Torquato, professor de Oxford, em um momento que os ânimos se elevaram, Teófilo descreve Bruno como uma pessoa

que costuma superar em cortesia a quem facilmente poderia superá-lo em outra coisa [...] disse amistosamente a Torquato: ‘não penseis, meu irmão, que eu queira ou possa ser vosso inimigo em vista de vossa opinião; ao invés disso, sou tão amigo vosso quanto de mim mesmo’ (BRUNO, 2012, p. 117).

No final do quarto diálogo de *A Ceia*, quando os dois doutores de Oxford deixaram a casa do nobre inglês, os convidados que permaneceram pediram ao Nolano que relevasse os modos dos seus doutores. Bruno faz a seguinte descrição do ambiente cultural inglês: “que havia ficado viúva da cultura no domínio da filosofia e das verdades matemáticas” (BRUNO, 2012, p. 124). Diante da tradição aristotélica, apesar das intervenções de Copérnico e das suas, considera que a história percorre um ciclo que não se pode desprezar: “que não há nada novo que não possa ser velho, e não há nada velho que não tenha sido novo” (BRUNO, 2012, p. 37).

Conclusão



Segundo Ciliberto, o recurso autobiográfico normalmente tem o objetivo de “construir e difundir uma imagem do autor, baseada sobre a seleção de momentos e eventos da própria vida, coerentes com imagens que eles desejam apresentar” (CILIBERTO, 2007, p. 05). Neste sentido, a autorrepresentação não deve ser considerada como um reflexo perfeito diante de um espelho, mas uma imagem refletida, que dependendo do grau do espelho, pode distorcer a imagem e de certo modo produzir várias imagens.

A *ceia* é composta por fatos reais da vida de Bruno. Morou em Londres entre 1582 e 1584 na casa do embaixador Castenaul. Frequentou a corte da rainha Elisabeth e deve ter sido convidado para ir à casa de nobres. Teve contato com o ambiente acadêmico de Oxford, foi inclusive convidado para ministrar um curso sobre Aristóteles, mas após algumas lições, as lições foram interrompidas com a justificativa de que o ministrante estava plagiando Marsilio Ficino. Existe, portanto, um plano de fundo real, mas segundo Ciliberto, não estão presentes ali toda “a verdade no sentido empírico do termo, mas a representação teatral que o autor deseja oferecer de si mesmo” (CILIBERTO, 2007, p. 05).

Além disso seria incorreto considerar as referências que Bruno faz de si mesmo nas suas obras, sua narrativa autobiográfica, como sendo obrigatoriamente todas verdadeiras. Alguns fatos realmente aconteceram, mas o modo como se descreve, as atitudes que tomou e os encontros ocorridos, podem não ser tão fiéis aos fatos empíricos, mas podemos pensar também como sendo respostas que poderiam ser dadas em um mundo imaginário, o recurso literário a fatos da vida real. Na epístola preambular chama a atenção do leitor, de modo enigmático, que deve ter em mente que não encontrará “nenhuma palavra supérflua, porque, em todas as partes, podem-se colher e desenterrar coisas de não pouca importância e talvez muito mais lá onde menos parece” (Bruno, 2012, p. 13).

No entanto, é interessante a ideia de que os textos autobiográficos brunianos não têm por objetivo fazer-se conhecer como indivíduo, mas expor as suas ideias, o seu modo de pensar, através da sua narrativa, tendo como ponto principal influenciar o leitor para a sua causa. Neste sentido, é preciso não se pautar cegamente pelo parâmetro da exatidão, ou seja, o que está exposto como apresentação dos fatos ocorridos. Segundo Ciliberto, 2014, a autobiografia, não pode ser estudada excluindo a questão da identidade pessoal, mas é preciso considerar que na escrita autobiográfica a memória procede a uma



reelaboração dos fatos ocorridos, das falas proferidas, do conteúdo que é armazenado no âmbito mental.

Portanto, a exposição de um fato, um jantar, no qual estavam presentes vários convidados e foram debatidos certos temas, pode ou não ter acontecido. Mas algumas situações ali descritas têm correspondência com a realidade objetiva, não é uma ficção existente apenas como uma realidade mental. Neste sentido, pode se pensar *A ceia*, como “uma transposição de uma realidade vivenciada em outra esfera da realidade, dotada de características próprias, que perde a sua significância” (CILIBERTO, 2014, p. 85) ao ser elaborada através da escrita.

Temos, portanto, dois momentos: o objeto e a imagem refletida. A imagem não deve ser a representação fiel do objeto, dos fatos ocorridos, dos suspiros e dos rumores existentes. Segundo GUSDORF, “a imagem não é de fato o reflexo do objeto, ela representa uma realidade diferente da original, mas que está ligada à original, por uma analogia que pretende reenviar a sua essência” (GUSDORF, 1991, p. 22-23). Neste sentido, o relato autobiográfico não pode ser considerado simplesmente como uma representação fiel dos fatos ocorridos, mas deve ser considerado ao mesmo tempo como uma representação *modificada* dos fatos ocorridos, expostas por quem os vivenciou. Não é um relato de um terceiro. Em *A ceia*, apesar de haver um personagem Teófilo, que fala de Bruno, ele se confunde com o próprio Bruno, que não é um personagem no mesmo nível de Teófilo.

Bruno evidencia, em particular, uma relação entre a obra e o autor, no qual se entrelaçam a existência, o pensamento e a escrita. O texto descreve uma reunião na qual Bruno é o interlocutor principal. O autor fala de si mesmo, diretamente, mediado por um personagem, no entanto, não é apenas um personagem, é Giordano Bruno. A argumentação é apresentada através do diálogo, da interação com personagens e a elaboração de um autorretrato, pois em vários momentos Bruno se autodescreve. Revelando tanto as suas ideias, como também o seu caráter, quando, por exemplo, expõe o seu comportamento diante de situações adversas. O falar de si não deve ser confundido com um relato da sua individualidade, do seu cotidiano, pois para Bruno esses fatos seriam irrelevantes diante da tarefa filosófica que tem diante de si.



Portanto, é importante frisar que o que está sendo exposto por Bruno não é a sua experiência cotidiana, pessoal, interior, mas a missão da qual se sente investido. Pois considera que a sua existência está intrinsecamente ligada a uma missão dada pelos deuses, é o mensageiro da verdade. Esse é o mote principal. A sua vida é um enlaço de uma experiência humana e filosófica. Neste sentido, podemos dizer que, por exemplo, a escrita autobiográfica bruniana tem um sentido diferente daquela exposta por Montaigne, que também está publicando nos anos 80 do século XVI.

Bruno, ao se expor na sua escrita, não fala de si, em si mesmo, descrevendo-se minuciosamente; mas cada referência que faz de si, expressa a sua missão filosófica. A autobiografia seria uma forma de acentuar o caráter da sua missão, através da apresentação de seu modo de se expor em público, o modo como trata os adversários, além da sua posição diante das adversidades. Ela não é usada para falar especificamente de Bruno, mas através dela, criar um espaço para expressar a verdade filosófica para a humanidade, pois se considera o mensageiro da luz após séculos de ignorância.

As representações sobre si mesmo se situam entre tons enfáticos à apocalípticos, que segundo Ciliberto, podem ser identificados como tendo motivos tanto autopropagandísticos, mas também podem ser identificados como sendo de autodefesa. Neste sentido, é preciso levar em consideração que existe uma complexidade na exposição autobiográfica bruniana, que expressa, por exemplo, a crise social do seu tempo, através da cisão entre religião e verdade, as críticas à filosofia e aos filósofos. Nesse ambiente, Bruno assume o papel de reverter essas crises através da sua própria intervenção e não apenas como crítico do *status quo*.

Giordano Bruno não constrói um autorretrato, mas vários, que se deixa apresentar em seus textos. Talvez a dificuldade de elaborar um autorretrato único seja o fato de Bruno ter “uma personalidade complexa, emaranhada, difícil de decifrar” (CILIBERTO, 1994, P. 99). Um jovem que abandona o convento, um ambiente de certa forma seguro, que sai do seu país e transita por várias culturas e consegue adentrar nas cortes desses países, tendo contato com reis, rainhas e príncipes. Mesmo quando retorna à Itália será hóspede de um rico comerciante veneziano. Transitar por esses diferentes espaços deve ter exigido um equilíbrio entre uma personalidade forte e um certo grau de dissimulação.



Segundo Ciliberto, nos *Diálogos italianos* estão expostos “uma série memorável de retratos e de autorretratos, um depois do outro, um diferente do outro, como em uma extraordinária galeria” (CILIBERTO, 1994, P. 105). Não sendo, portanto, uma construção uniforme, que ao longo dos textos, Bruno se apresenta e se deixa conhecer, mas nos seus textos é possível identificar uma pluralidade de representações, talvez porque a intenção de Bruno não seja apresentar-se como indivíduo, mas como filósofo que tem uma missão a ser realizada, que não passa necessariamente pela relação entre existência, obra e escrita.

Referências

AQUILECHIA, G. Introduzione a *La Cena de le Ceneri*. In: *Schede Bruniane (1950 – 1991)*. Roma: Vecchiarelli editore, 1993, p. 65 – 96.

_____. Ancora su Giordano Bruno a Oxford. In: *Schede Bruniane (1950 – 1991)*. Roma: Vecchiarelli editore, 1993, p. 243 – 252.

BRUNO, G. *A ceia de Cinzas*. Texto estabelecido por Giovanni Aquilecchia; introd. Miguel Angel Granada; trad. Luiz Carlos Bombassaro. Caxias do Sul, RS. Educus, 2012.

CILIBERTO, M. *Giordano Bruno – Il teatro della vita*. Milano: Mondadori, 2007.

_____. Bruno allo specchio. Filosofia e autobiografia nel Cinquecento. In: *Rivista Rinascimento*, Vol XXXIV, 1994, p. 83 – 111.

LOPES, I.C. Giordano Bruno: de Nola a Roma. In: *Revista Reflexões*, Vol 3, Série 5, 2012, p. 01 a 15.



LOPES, Ideusa Celestino. GIORDANO BRUNO DIANTE DO ESPELHO – A CEIA DE CINZAS. *Kalagatos*, Fortaleza, Vol.16, N.1, 2020, p. 24-36.

Recebido: 07/2021
Aprovado: 08/2021